

Itinerantes - transformando rumos: apontamentos sobre um possível turista aprendiz¹

*Cristina Marques Gomes*²

Resumo: Ensaio teórico-empírico sobre o Projeto de Extensão Itinerantes – Transformando Rumos do Departamento de Turismo e Patrimônio da Escola de Museologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Abordará de forma sucinta a conjuntura atual do Turismo como uma das possibilidades de Educação não-formal. Registrará a criação do Projeto supracitado, seus objetivos e metodologia. Nas considerações finais aponta-se as diversas interfaces da extensão, no contexto do tripé “ensino, pesquisa e extensão” nas universidades públicas brasileiras, culminando com o relato de experiência de uma aluna da Graduação em Turismo da UNIRIO.

Palavras-Chave: Turismo social; educação não-formal; extensão; turista aprendiz; itinerantes; Brasil

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará de forma sucinta os principais elementos norteadores do Projeto de Extensão *Itinerantes – Transformando Rumos* do Departamento de Turismo e Patrimônio da Escola de Museologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As preposições-bases do texto em questão são oriundas, além da obra *O Turista Aprendiz* de Mário de Andrade, do depoimento do então Ministro da Cultura Gilberto Gil no Fórum Mundial de Turismo: para a Paz e Desenvolvimento Sustentável³ e das análises da Profa. Margarita Barreto e do Prof. Rafael Santos publicadas na Revista Turismo em Análise da ECA/USP nos anos de 2004 e 2006. Portanto, esse pequeno ensaio teórico-empírico incluirá, além dessa introdução, os sub-

1 Trabalho apresentado ao V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

2 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: cristina_unirio@yahoo.com.br

3 Fórum Mundial de Turismo: para a Paz e Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<http://www.destinations.net>>, acessado em 10/01/2007.

itens “*Inspiração*”, “*Itinerantes*”, “*Objetivos*”, “*Metodologia Participativa*” e “*Considerações finais*” sobre o tema.

A INSPIRAÇÃO

Os antecedentes do Turismo⁴ podem ser reportados ao contexto da Antiguidade Clássica, com os gregos e romanos e suas importantes contribuições na organização das viagens e dos meios de transporte, perpassando, posteriormente, a Idade Média - onde os deslocamentos eram atribuídos às feiras e peregrinações - e a Idade Moderna com o Renascimento e o surgimento do Grand Tour⁵. No entanto, é somente a partir da 1ª Guerra Mundial, com a introdução no mundo ocidental de uma jornada de trabalho de 8 horas e de férias pagas que a atividade turística começa a adquirir os “contornos” daquilo que, na contemporaneidade, iria se revelar como um significativo objeto de estudo científico. Em meados da década de 1950, com as transformações oriundas do turismo massivo⁶, uma concepção majoritária começa a dominar todos os discursos atrelados ao desenvolvimento da atividade. Tal perspectiva girava em torno do grande potencial que o fenômeno turístico poderia proporcionar aos povos de diferentes lugares, através do intercâmbio cultural e a promoção da paz mundial.

O papel do turismo como embaixador e veículo do entendimento entre os povos e da paz foi reconhecido por organismos internacionais como as Nações Unidas. [...] a Conferência Mundial do Turismo realizada em Manila, declarou que “o turismo mundial pode ser uma força vital para a paz mundial”. O reconhecimento do papel e da importância da promoção da paz mundial mediante o turismo foi afirmado pela “Carta de Columbia”, elaborada na 1ª Conferência Global: Turismo – Uma Força Vital para a Paz, realizada em Vancouver [...]. A conferência constituiu um foro para a análise do turismo e suas numerosas dimensões como uma força de paz. Segundo McIntosh, Goeldner e Ritchie, permitiu reconhecer que o turismo tem o potencial para ser o maior movimento em tempo de paz da história da humanidade porque envolve pessoas: sua cultura, economia, tradições, herança cultural e religião. O turismo favorece os contatos que possibilitam o entendimento entre povos e culturas (AS, John & VAR, Turgut, 2001: 67).

Essa visão “romântica” do Turismo foi sendo, aos poucos, a partir da década de 1980, interpretada como algo utópico, na mesma proporção que o incremento da atividade turística

4 Não há dúvida, entretanto, que o homem sempre deslocou-se no espaço e viajou impulsionado por diversos interesses, em cada momento da História, e que o “Turismo”, como é intitulado atualmente pela Organização Mundial de Turismo (OMT), é fruto do contexto da sociedade industrial.

5 Caracterizado como uma viagem de estudos e complementação da formação do jovem inglês pertencente à nobreza e, posteriormente, à alta burguesia.

6 Captação de um número cada vez maior de turistas, independentemente do esgotamento ou da deterioração do meio ambiente natural, social e cultural.

ocasionava uma série de problemáticas negativas nas comunidades receptoras. Os resultados da produção científica na área não indicam que os objetivos de colaboração entre os povos tenham sido atingidos, ao contrário, segundo Barreto (2004: 134):

(...) parecem provar que se repetem, no turismo, velhos problemas que acompanham a história social da humanidade, como o colonialismo cultural e a xenofobia, e que as relações interpessoais acabam seguindo a lógica mercantil, ou seja, são comercializadas como bem de consumo. Cohen (1984: 379) classifica os encontros entre visitantes e visitados como “essencialmente transitórios, assimétricos e sem repetição, (onde) os participantes procuram gratificação imediata em lugar de continuidade”. Para essas afirmações se baseia nas pesquisas de Smith, Pearce, Knox, Sutton, Van der Berghe, Greenwood, Pi Sunyer e outros cientistas que têm realizado estudos de caso em diversos lugares do mundo. Acrescenta que essa efemeridade das relações é a que propicia a exploração, o engano, a hostilidade e a desonestidade, que são “moeda corrente” na relação entre turistas e população local justamente porque nenhuma das partes envolvidas se sente comprometida com as consequências de sua ação.

Percebe-se, pois, claramente, a estrutura do negócio turístico que muitas vezes é implantada em diversas localidades e, pela ótica capitalista, a atividade acaba se tornando para muitos estudiosos “um mal necessário”, que oscila entre o dinheiro e a lucratividade que trás e a descaracterização social, cultural e ambiental que proporciona, apoiados nos planos de desenvolvimento turísticos, criados a partir do marketing previamente estruturado por países “centrais”, e que projetam esteriótipos e imagens distorcidas dos nativos como forma de maximizar o fluxo turístico internacional (Barreto; 2004).

Os moradores dos núcleos receptores não se comportam como anfitriões, desde que sua receptividade é profissional, e a partir do século XIX [...] O turismo, em seu sentido amplo, é um fenômeno social. Mas em sentido restrito, na perspectiva dos núcleos receptores, é um negócio. Um negócio que vende algo diferente, sim: prazer e lazer, mas que é conduzido pela lógica da sociedade capitalista [...] O grande paradoxo do turismo é que essa atividade coloca em contato pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadoras de uma função precisa e determinada: uns trazem dinheiro com o qual compram os serviços do outro. O primeiro é consumidor, o outro, parte da mercadoria, e é essa a relação que prevalece (Barreto, 2004:147).

Por outro lado, essas relações tênues entre visitantes e visitados não devem ser consideradas somente a partir da dicotomia “bem versus mal” (do nativo como receptor dos impactos negativos e do turista como o destabilizador da cultura local e vice-versa), visto que, as generalizações acabam por ofuscar as entrelinhas existentes entre os diferentes tipos de turistas, as diferentes comunidades, os diferentes lugares e os diferentes comportamentos. Salienta-se, ainda, uma outra perspectiva que é raramente analisada pelos estudiosos da área: a observância do sujeito como um elemento que, no âmbito do fenômeno turístico, oscila em

sua posição social, ora assumindo a condição de turista, ora a de membro de uma comunidade receptora. Para a maioria dos críticos do fenômeno em questão os “turistas são os outros...”

O bárbaro de ontem é o turista de hoje (Mitford, 1959:3)
Sou um viajante, você é um turista, ele é um excursionista (Waterhouse, 1989:18)

Já na década de 1990, os reflexos das interfaces do Turismo com a sociedade e seus diferentes enfoques são apontados na produção científica, segundo Crick (1992) apud Barreto (2004), da seguinte maneira:

O geógrafo D. Pearce, ao analisar as publicações sobre turismo fala de metodologias fracas e certo grau de emocionalidade [...] Outros cientistas sociais mal conseguem disfarçar o seu desprezo. Abundam a ambivalência, as generalizações demolidoras e os estereótipos [...] Turner e Ash apresentam os turistas como bárbaros, destruidores da cultura. Sir George Young [...] subtítulo seu trabalho “Bênção ou maldição?”, Risenow e Pulsipher [...] escrevem um volume intitulado “Turismo, o bom, o mau e o feio”. Britton e Clarke, tomando como referência os efeitos do turismo internacional em pequenos países em vias de desenvolvimento, editam uma coleção chamada Alternativa Ambígua [...] Valene Smith [...] escreveu “da mesma forma que Rosseau desaprovou a emergência da industrialização [...] os cientistas contemporâneos precisam aceitar o turismo como um grande fenômeno da atualidade [...] Por outro lado, Ulla Wagner faz um comentário equilibrado afirmando que “ao olharmos uma indústria que abrange níveis individuais, locais, nacionais e internacionais, assim como aspectos econômicos, sociais e culturais, dificilmente podemos esperar que seu impacto seja uniformemente bom ou mau”.

No contexto nacional, os estudos científicos em Turismo abarcam prioritariamente, segundo levantamento de Rejowski e Gomes⁷, aspectos econômicos e ambientais, calcados nos desafios da “globalização” e da “sustentabilidade”, respectivamente. Tais problemáticas, salvo as exceções dos poucos trabalhos que estão na interface com a Antropologia e a Sociologia, refletem a estrutura do turismo como um “negócio” que visa em última instância a lucratividade financeira. Sendo a produção científica reflexo da compreensão da realidade turística: como reverter o quadro das relações entre visitantes e visitados (e, por consequência, da produção do conhecimento na área)? Como aprimorar a “prática em turismo”, a partir da concepção da atividade como um “movimento”, um “fluxo”, não somente através do deslocamentos de grupos, mas com a promoção de “encontros” e “interações”?

Uma das hipóteses plausíveis, a partir da temática principal do Projeto de Extensão Itinerantes, é a análise e o delineamento de uma abordagem diferencial da atividade turística, voltada para a formação de um possível *Turista Aprendiz* e cuja ênfase: associe as viagens

7 REJOWSKI, Mirian; GOMES, Cristina Marques. Banco de Dados da Produção Científica. Pesquisa Científica em Turismo no Brasil. 2001. Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>, acessado em 10/11/2006.

com a prática educativa não-formal; o turista como “convidado” e não como “forasteiro”; o lúdico em vez do lucro financeiro; dentre outras variáveis possíveis...A inspiração é proveniente da coluna que Mário de Andrade publicou entre os anos de 1927 a 1929 no Diário Nacional de São Paulo que concebia a viagem como “um aprendizado pelo diferente”. Portanto, o foco da interface do Itinerantes com a pesquisa, o ensino e a extensão não está centralizado na oposição ou na defesa do Turismo, mas na reflexão sobre o seu significado teórico e as suas práticas, e no que esse fenômeno pode contribuir por uma sociedade menos desigual.

[...] havia uma afirmação de Lévi-Strauss, no livro *Totemismo Hoje*, sobre o significado das espécies naturais para os povos chamados primitivos: diferentemente da idéia geral, de que são apenas boas para comer, as espécies naturais, de acordo com a frase do conhecido antropólogo, são “boas para pensar”. Significa que, além de servir de alimento, de fornecer a energia necessária à vida do dia-a-dia, plantas, pássaros, peixes e animais também fornecem elementos para a construção de códigos e quadros de pensamento. O lazer, da mesma forma, além de ser bom para repor as forças depois de um período estafante de trabalho – um dia, uma semana, um ano – na visão do senso comum, é bom também para pensar os valores e a dinâmica da sociedade (Magnani, 2000).

O ITINERANTES

O Projeto de Extensão *Itinerantes – Transformando Rumos* é constituído por um grupo de discentes e docentes da UNIRIO⁸, com base na experiência do Projeto Rosa dos Ventos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Os dois projetos têm o intuito comum da responsabilidade social aliado as práticas de ensino e pesquisas desenvolvidas nas respectivas instituições. O público-alvo do Itinerantes é composto pela comunidade economicamente desfavorecida do Estado do Rio de Janeiro que tem seu direito ao lazer e à educação reprimidos pela conjuntura social em que se inserem.

A equipe do Itinerantes concebe o ato de viajar não como um fim, mas como um meio à disposição do homem para o descanso, as novas descobertas, o enriquecimento cultural, o crescimento espiritual, a tomada de consciência quanto a diferentes realidades, a troca de experiências e o exercício da participação (ROZENBERG, 1996). Adotam-se os parâmetros do Bureau International du Tourisme Social – BITS, associação sem fins lucrativos que tem como objetivo a difusão do Turismo Social em escala mundial, o definindo como “o conjunto de relações e de fenômenos resultantes da participação no Turismo de

⁸ Sob a coordenação da autora desse artigo-ensaio.

camadas sociais de rendas modestas, participação que se torna possível ou é facilitada por medidas de caráter social bem definidas”.

O projeto nasceu em 2006 e conta hoje com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro através da Seleção de Projetos Sociais relacionados a atividades junto aos turistas na cidade (Secretaria Especial de Turismo – SETUR - Convênio nº357/04 com o Ministério do Turismo) e em 2007, tendo como suporte o paradigma do Lazer Turístico-Social aplicado ao *Itinerantes*, desenvolveu-se uma série de atividades regulares voltadas aos idosos do Programa de Assistência Integral à Pessoa da Terceira idade - Grupo Renascer - da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Além do Renascer, o Itinerantes atua em parceria com outras duas organizações: O Projeto Favela Receptiva (empreendimento de hospedagem familiar – *Bed and Breakfast* - em comunidades de baixa renda) e a ONG Núcleo de Oficinas Terapêuticas (uma entidade sem fins lucrativos, que presta serviços de saúde, assistência social, utilidade pública e geração de renda à população em situação de risco social na cidade do Rio de Janeiro, com enfoque no Complexo do Turano. A organização trabalha na perspectiva social, psíquica e intelectual de crianças, adolescentes e jovens portadores de distúrbio de conduta, fala e aprendizagem, bem como outros Projetos que procuram suprir as carências existentes na sociedade no que se refere à área de saúde curativa e preventiva. A instituição possui o título de Utilidade Pública Municipal e está registrada no Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS – sob o número 0401/01 e no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA – Rio – sob o número 26/2002)⁹.

OS OBJETIVOS DO ITINERANTES

- i. Fomentar a atividade lúdica, através de atividades práticas que envolvam a visitação de atrativos turísticos – ligados ao patrimônio;
- ii. Aguçar a curiosidade histórica e a percepção sobre os aspectos culturais e ambientais da sociedade em questão;
- iii. Promover o aprendizado do Patrimônio Material e Imaterial;
- iv. Contribuir para a formação do cidadão;
- v. Proporcionar aos alunos do Curso de Turismo da UNIRIO uma vivência prática de

9 Outras informações podem ser obtidas a partir do email itinerantes@unirio.br.

atividades ligadas ao Terceiro Setor;

METODOLOGIA PARTICIPATIVA

Os aspectos metodológicos inerentes ao desenvolvimento do Itinerantes serão descritos em consonância com as seguintes etapas:

- Acompanhamento semanal das atividades gerais realizadas pelos parceiros;
- Desenvolvimento de um planejamento específico em relação às variáveis das comunidades que nortearão os apontamentos vindouros;
- Desenvolvimento das ações empíricas sociais voltadas aos idosos carentes do Programa Renascer, os adolescentes da Favela Receptiva e as crianças da ONG Núcleo de Oficinas Terapêuticas - tal processo não advém de um modelo “pré-estabelecido” mas, por vezes, adotará as variáveis Comunidades /Carentes, Cultura/Ambientação de Base Histórica, Lazer Turístico-Social/ Educação, Urbano/ Rural, Espaço/Território, dentre outras, tendo como instrumental a composição das experiências advindas de diversas instâncias.
- Em princípio, tem-se 3 (três) etapas básicas, são elas:
 - Atividades Pré-Passeio: Planejamento por parte da Equipe do Itinerantes; Promoção do Encontro entre os docentes e discentes do Itinerantes com os Idosos do Grupo Renascer, os adolescentes da Favela Receptiva e as crianças da ONG Núcleo de Oficinas Terapêuticas; Realização de Atividades culturais, históricas, ambientais e lúdicas nas Oficinas “Pré-Passeio”; Avaliação dos Resultados alcançados; Configuração de Propostas para o Passeio; Planejamento de todos os detalhes técnicos do Roteiro; Apresentação do Roteiro final ao público-alvo das instituições parceiras; Sistematização das opiniões dos envolvidos; Reelaboração e Planejamento Final.
 - Passeio: Planejamento; Execução; Desenvolvimento; e Avaliação.

- Atividades Pós-Passeio: Planejamento por parte da Equipe do Itinerantes; Promoção do Encontro Pós-Passeio entre os docentes e discentes do Itinerantes com os Idosos do Grupo Renascer, os adolescentes da Favela Receptiva e as crianças da ONG Núcleo de Oficinas Terapêuticas; Ampliação dos aspectos desenvolvidos no Pré-Passeio e no Passeio em si, através da promoção de eventos, debates, exposições e trabalhos de redação oriundos da comunidade de idosos, adolescentes e crianças em questão; Avaliação dos Resultados alcançados; Configuração de Propostas para o próximo Pré-Passeio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que, etimologicamente, *extensão* origina-se do latim *extensione*, que significa “estender”, “ampliar”, “aumentar”...Tais expressões podem ser compreendidas a partir de diferentes perspectivas: da Universidade para com a Comunidade; da Comunidade beneficiando os Discentes; os Discentes influenciando na Pesquisa e no Ensino e assim sucessivamente, culminando, pois, em uma relação de justaposição de práticas que contribuem para a geração de saberes mútuos entre todos os agentes envolvidos. Acredita-se, portanto, que um dos pontos mais significativos no delineamento de um possível *turista aprendiz* é poder articular o mesmo em todas as suas vertentes e, nesse sentido, a extensão (na ótica do tripé “ensino, pesquisa e extensão” das Universidades públicas brasileiras) proporciona ao aluno de graduação, principalmente, os oriundos da área de Turismo, uma sensibilização especial que poderá promover mudanças significativas não só no fazer turístico e em suas práticas como nas reflexões e teorias que alicerçarão essa ciência...

Quando se pensa em um trabalho é normal pensar que ele trará alguma recompensa. E acho que é muito assim que funciona, pelo menos no meu mundinho que há muito deixou de ser perfeito. Mas conversando esses dias com um conhecido sobre meu trabalho voluntário nos Jogos Pan-americanos percebi que a concepção de “recompensa” anda deturpada. Ele afirmava que este tipo de atitude é algo que não vale a pena. Não havia nenhuma compensação já que não iam pagar. Para ele, e para muitas pessoas com quem conversei depois sobre o mesmo assunto, recompensa é sinônimo de dinheiro. Fiquei assustada em descobrir que as pessoas pensam

assim de verdade. E o pior, não são algumas pessoas, e sim grande parte delas.

Pra mim, recompensa tem um amplo significado. É um prêmio sim, como diz o Aurélio. Mas não em dinheiro. Pode ser simplesmente um sorriso, uma atitude, um olhar de agradecimento do outro. Pode até mesmo ser uma sensação totalmente íntima e pessoal, compreendida só por nós mesmos. É como me sinto em relação a qualquer trabalho que faço por prazer, meu ou dos outros. Acho que eles se fundem. Por isso às vezes escolho o caminho mais difícil. Simplesmente por prazer. É como me sinto em relação ao Itinerantes, um projeto que eu ajudei a criar, que sinto uma felicidade enorme em vê-lo crescer, algo porque brigo e torço, que me deixa feliz ao fim de um passeio ao ouvir um “obrigado, tia”, que me faz ficar emocionada e lacrimejar os olhos, que sinto falta quando, por algum motivo, me afasto. Pode até parecer besteira pra quem é de fora. E depois das minhas últimas conversas, acho que parece mesmo. Mas quer saber? Não me importo. Essas pessoas, que não são capazes de enxergar este tipo de coisa, eu não quero por perto. Preciso de um fundo cor de rosa pra viver bem, de uma mágica que ainda acredito existir e tenho medo de perder com o passar do tempo. Adultos perdem isso com facilidade. A maioria deles é pragmáticos demais, apressados demais, atarefados demais. Às vezes me vejo um pouco assim, me sinto quase um deles. E coisas boas como o Itinerantes e as pessoas que fazem parte dele me ajudam a lembrar de quem realmente sou e o que realmente importa. Sinto-me orgulhosa de não ser adulta. Ultimamente para mim esta palavra adquiriu um sentido completamente novo e pejorativo.

Não quero parecer melhor que os outros (definitivamente não sou) ou mudar o mundo (tá, isso às vezes...). Gosto de dinheiro sim. Ele me traz muitas coisas boas e não vivo somente com o necessário. É uma ótima e muitas vezes a única motivação para um trabalho... Mas definitivamente não é a única. Dinheiro tornaria as coisas mais fáceis, compraria um ônibus, lanches e quem sabe nos levaria ao São Francisco...

Maria Gabriela Raposo

Aluna do Curso de Turismo da UNIRIO

Bolsista de Extensão do Projeto Itinerantes – Programa Renascer

Referências Bibliográficas

- ANNALS of Tourism Research. Jafar Jafari (ed.).
- AS, John & VAR, Turgut. 2001. O turismo e a paz mundial. In: THEOBALD, Willian (org.). *Turismo Global*. São Paulo: Editora Senac. p. 67-78.
- BANDUCCI Jr., Álvaro. 2001. Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI Jr., Álvaro; BARRETO, Margarita. (Org.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus.
- BARRETO, Margarita. 2004. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socionantropológicos. In: *Turismo em Análise*. São Paulo: ECA/USP, v.15. n.2. p. 133-149.
- _____. 2003. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: ano 9, n.20, p.15-29.

- _____. & SANTOS, Rafael José dos. 2006. Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *Turismo em Análise*. São Paulo: ECA/USP, v.17. n.2. p. 244-261.
- BARTH, Frederic. 1998. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STRIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP. p.187-227.
- BAUMAN, Zygmunt. 2005. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BHABHA, Homi K. 2005. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BONIFACE, Pricilla. 1995. *Managing quality cultural tourism: heritage, care preservation and management*. London: Routledge.
- BOURDIEU, Pierre. 1989. Espaço social e gênese de "classes". In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, p.133-161.
- BRITTON, Stephen. 1996. Tourism, dependency and development: a mode of analysis. In: APOSTOLOPOULOS, Yiorgios, LEIVADO, Stella & YIANNAKIS, Andre (Eds.). *The sociology of tourism: theoretical and empirical investigation*. London: Routledge.
- BURNS, Meter. 2002. *Turismo e Antropologia*. São Paulo: Chronos.
- CHAMBERS, Erve. 2000. *Native tours: the anthropology of travel and tourism*. Illinois: Waveland Press.
- COHEN, Erik. 1972. Towards a sociology of international tourism. *Social Research*, v.39, n.1. p. 164-172.
- _____. 1984. The sociology of tourism: approaches, issues and findings. *Annual Review of Sociology*, v. 10. p. 373-392.
- CRICK, Malcom. 1992. Representaciones del turismo internacional en las ciencias sociales. In: JURDAO ARRONES, Francisco. *Los mitos del turismo*. Madrid. Endymion. P, 339-392.
- DE KADT, Emmanuel. 1979. *Tourism, passport to development? USA*: Oxford University Press.
- DOGAN, Hasan Z. 1989. Forms of adjustment. Sociocultural impacts to tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 16. p. 216-236.
- DURKHEIM, E. 1972. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.
- ERISMAN, H. Michael. 1983. Tourism and cultural dependency. *Annals of Tourism Research*, v. 10, n. 3. p. 337-362.
- ESTUDIOS Turísticos. Madrid. Instituto de Estudios Turísticos (ed.)
- ESTUDIOS Y PERSPECTIVAS EN TURISMO. Buenos Aires. Regina Schluter (ed.)
- FEATHERSTONE, Mike (Ed.). 1990. *Global culture: nationalism, globalization and modernity*. New York: Sage.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). 1987. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global.
- FRIEDMAN, G. 1972. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. 2003. *Culturas Híbridas*. 4 ed. São Paulo: UFRSP.
- GIDDENS, Anthony. 1991. *Modernity and self identity: self and society in Late Modern Age*. California: Stanford University Press.
- _____. 1997. Stratification and class structure. In: *Sociology*. Polity Press: Cambridge.
- GOMES, Cristina Marques. 2004. *Pesquisa Científica em Lazer no Brasil: Bases Documentais e Teóricas*. São Paulo: ECA / USP (Dissertação de Mestrado).
- GREENWOOD, Davydd J. 1989. Culture by the pound: an anthropological perspective on tourism as cultural commoditization. In: SMITH, Valene. (Ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. 2 ED. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 171-186.
- GROUPE HUIT. 1979. The sociocultural effects of tourism in Tunisia: a case study of Sousse. In: de KADT, Emanuel. *Tourism: passport to development?* Washington: UNESCO / BIRD, p. 285-304.
- GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. 2003. Turismo e etnicidade. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n.20. p.141-159.
- _____. 2002. Artes turísticas e autenticidade cultural. *Veredas. Revista Científica em Turismo*, ano 1, n.1, jul. p. 7-39

- HALL, Stuart. 2003. A questão multicultural. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG.
- _____. 2003. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- HARVEY, D. 1992. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- HOLLINSHEAD, Keith. 1998. Tourism, hybridity, and ambiguity: the relevance of Bhabha's 'third space' cultures. *Journal of Leisure Research*. v.30, nº1. p. 121-156.
- HAULOT, Arthur. 1991. Turismo social. México: Trilha.
- IANNI, Octávio. 1992. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- JAFARI, Jafar. 1994. La cientificación del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. v.3, n.1, p.7-36. Buenos Aires: CIET.
- JAMESON. F. 2004. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- JURDAO ARRONES, Francisco (Org.). 1992. *Los mitos del turismo*. Madrid: Endymion.
- JOURNAL OF LEISURE RESEARCH. Estados Unidos. Texas A&M University (ed.)
- KNEBEL, Hans Joachim. 1974. *Sociología del turismo: cambios estructurales em el turismo*. Barcelona: Hispano Europea.
- KENYON, Gerald S. 2000. Mensagem do Secretário Geral da WLRA. In: Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, 1998. *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC / WLRA.
- KRIPPENDORF, Jost. 2000. *Sociologia do Turismo. Para uma nova compreensão das viagens*. São Paulo: Aleph.
- LANFANT, Marie-Françoise. 1972. *Lês Théories du Loisir*. Paris: Presses Unviersitaires de France.
- _____.; ALLOCK, John B & BRUNER, Edward M. 1995. *International Tourism: identity and change*. London: Sage.
- _____. 1980. Introduction: tourism in the process of internationalization. In: *International Social Sciences Journal*, v. 32, n. 1, p. 14-43.
- LESOUNE, J. 1988. *Education et Société – Les déficits de l'An 2000*. Paris: Le Monde Éducation.
- LOISIR & SOCIÉTÉ. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1978.
- MacCANNEL, Dean. 1999. *The tourist: a new theory of the leisure class*. Berkeley: University of California Press.
- MAFFESOLI, M. 1988. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. 1984. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. 1987. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense.
- _____. 1989. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MAGNANI, José Guilherme. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloísa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luiz (Orgs.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-Graduação da faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2000.
- MARCELLINO, N.C. 2001. *Lazer e educação*. 8ª edição, Campinas: Papirus.
- MICKEAN, Philip F. 1989. Towards a theoretical analysis of tourism: economic dualism and cultural involution in Bali. In: SMITH, Valene. (Ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. 2 ED. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 119-132.
- MIRANDA, Danilo Santos de. 2000. Apresentação. In: Congresso Mundial de Lazer, São Paulo, 1998. *Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC / WLRA.
- MITFORD, N. 1959. The Tourist. In: *Encounter*, 13 (out). p. 3-7.
- MOMMAAS, H. et al. (org.). 1986. *Leisure Research in Europe*. London: CAB Internacional.
- MUNT, Ian. 1994. The other post-modern tourism: culture, travel and the new middle class. In: *Theory, Culture and Society*, v. 11, n. 3, p. 101-123.
- NASH, Dennison. 1996. *Antropology of tourism*. New York: Pergamon.

- NUÑEZ, Theron. 1989. Towards a theory of tourism. In: SMITH, Valene (Org.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 265-280.
- OOI, Can-Seng. 2002. *Cultural tourism & tourism cultures*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press.
- PRONOVOST, Gilles e D'AMOURS, Max. 1990. Les études du loisir: pour une nouvelle lecture de la société. *Loisir & Société*. Québec: Presses de l'Université du Québec, vol.13 n° 01.
- REJOWSKI, Mirian. 1993. *Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975 a 1992)- Configuração e sistematização documental*. São Paulo: ECA / USP (Tese de Doutorado).
- _____. 1995. *Realidade das pesquisas turísticas no Brasil. Visão de Pesquisadores e Profissionais*. São Paulo: ECA / USP (Tese de Livre- Docência).
- REQUIXA, Renato. 1977. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1980. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: Sesc / Celazer.
- REVUE DU TOURISME. Saint Gallen. Aiest (ed.)
- ROJEK, Chris; URRY, John (Org.) 1997. *Touring cultures*. London: Routledge.
- ROSENBERG, Jacob Eduardo. 1996. *Turismo social e terceira idade: desafios emergentes*. Rio de Janeiro: FGV, 158 p. (Dissertação de Mestrado).
- SANTANA, Agustín. 1997. *Antropología y turismo: nuevas hordas, viejas culturas?* Barcelona: Ariel.
- SMITH, Valene (Ed.). 1989. *Host and guest: the anthropology of tourism*. 2. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. & BRENT, Maryann. (Ed.). 2001. *Hosts and guests revisited: tourism issues of the 21 st century*. New York: Cognizant Corporation.
- STEILL, Carlos. 2004. *Antropologia do turismo: comunidade e desterritorialização*. Trabalho preliminar apresentado no simpósio "O Olhar Antropológico sobre o Fenômeno Turístico". REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 24. Olinda, PE>
- _____. 2002. O turismo como objeto de estudo no campo das ciências sociais. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim; VIANNA, Andyara. *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- TURISMO EM ANÁLISE. São Paulo. ECA / USP. Mirian Rejowski (ed.).
- TURNER, Louis & ASH, John. 1991. *La horda dorada*. Madrid, Endymion.
- URRY, JOHN. 2000. *Sociology beyond societies*. London: Routledge.
- _____. 2001. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel; SESC.
- WATERHOUSE, K. 1989. *Theory and practice of travel*. London: Hodder & Stoughton.
- WEBER E. 1969. *El problema del tiempo libre. Estudio antropológico y pedagógico*. Madrid. Editorial Nacional.